

## Obama e o Oriente Médio

Henrique Rattner\*

Entre as preocupações de Obama, à parte a crise e a recessão da economia em proporções inéditas nas últimas décadas, os conflitos no Oriente Médio ocuparão um lugar privilegiado. A promessa eleitoral de terminar o conflito no Iraque, com a retirada de tropas norte americanas, soa como uma derrota pré-anunciada. Pior ainda é o Afeganistão, onde a retomada de combates e os avanços dos Taleban passam a ocupar partes crescentes do território e parecem indicar o prolongamento da guerra e o distanciamento cada vez maior da paz.

E, em terceiro lugar, o conflito entre israelenses e palestinos e sua repercussão nas relações dos EUA com o mundo islâmico parece ter chegado a um novo impasse, devido às próximas eleições para o parlamento e, portanto, do primeiro ministro em Israel e a escolha do presidente da Autoridade Nacional Palestina, na Cisjordânia e na Faixa de Gaza.

A retirada das tropas do Iraque parece hoje mais próxima de realizar-se, devido a um tímido acordo entre sunitas e o governo iraquiano, que exige a retirada das forças norte americanas para suas bases, quando terminar o mandato das Nações Unidas em dezembro de 2008. Mas a situação no Iraque está longe da estabilidade mínima para encerrar o conflito. Os shiitas continuam a resistir à uma maior participação dos sunitas no governo; os kurdos não estão dispostos a abrir mão dos ricos campos de petróleo de Kirkuk e, entre os sunitas, continuam os atentados de homens-bomba, contra civis e militares.

Se a situação no Iraque continua problemática, a do Afeganistão é mais grave, com os renovados ataques do Taleban e a total ineficácia do governo de Hamid Karzai no trato com a corrupção e o tráfico de drogas, enquanto os líderes tribais se tornam cada vez mais audaciosos nos desafios à autoridade do presidente. Aplicar a estratégia relativamente bem sucedida no Iraque de comprar a colaboração de líderes tribais é bem mais complicado no Afeganistão, devido aos inúmeros conflitos entre etnias e tribos, e a proximidade da fronteira com o Paquistão, que facilita a travessia dos guerrilheiros do Taleban e sua compra de armas. O Paquistão atravessa uma grave crise política e social desde a retirada da presidência e do comando geral das forças armadas de Pervez Musharaff, o que torna o país um caldo fértil para o recrutamento de combatentes da Al Qaeda.

Mas o mais complexo desafio para o novo presidente americano se situa na Terra Santa. Embora, ainda como candidato, Obama tenha manifestado seu apoio a Israel, ele também demonstrou sua simpatia à causa dos palestinos, diferentemente do presidente que o antecederá. A Cisjordânia parece estar sob controle da ANP, com o apoio de Israel, enquanto o Hamas mantém a frágil trégua na Faixa de Gaza. Outro fator

---

\* Professor na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP (FEA/USP); e na pós-graduação no Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT). Fundador do Programa LEAD Brasil e da [ABDL - Associação Brasileira para o Desenvolvimento de Lideranças](#)

favorável parece ser a disposição da Síria de assinar um tratado de paz com Israel, em troca da devolução das colinas do Golan, distanciando-se, assim, do Irã e do Hezbola, que continua armado e hostil no território vizinho do Líbano.

A questão da política de Obama em relação a Israel tem que ser colocada no contexto da explosiva situação em todo o Levante, desde a Terra Santa, Iraque, Afeganistão e Paquistão e o discurso bélico do presidente do Irã, que afetam também as relações com os países do Golfo, cujo petróleo é vital para a economia norte americana.

O conflito entre Israel e os palestinos permeia toda a política exterior dos Estados Unidos, sobretudo quando apelam aos seus aliados árabes para obter seu apoio, estes levantam exigências de solucionar o conflito e não é possível ignorar seus apelos. O governo de James Carter conseguiu a paz com o Egito, mas nada para os palestinos. Clinton tentou, por várias vezes, mediar um acordo, sem sucesso. O problema de tratar com os palestinos é delicado: se apoiar a ANP – Autoridade Nacional Palestina, estranha ainda mais o Hamas que, segundo os europeus, estaria disposto a sentar à mesa, apesar do discurso anti- israelense inflamado. A proposta de dois estados seria aceitável por todos. O maior obstáculo poderá surgir em Israel, com a vitória do “falcão” Benjamin Netanyahu nas próximas eleições gerais em fevereiro de 2009, que insiste em seu discurso sobre a ineficácia de Mahmoud Abbas, presidente da ANP e em taxar o Hamas como entidade terrorista. Ademais, defende a necessidade de atacar o Irã, antes que este desenvolva artefatos nucleares. Para mudar o cenário, Obama deve afirmar claramente e antes das eleições de Israel que os Estados Unidos querem a solução do conflito mediante a criação do estado palestino, com capital sediada em parte de Jerusalém, e a retirada de pelos menos parte dos territórios ocupados na guerra dos seis dias, em junho de 1967. Do lado árabe, cumpre ao novo presidente de fazer pesar sua influência para que pressionem o Hamas a juntar-se a um governo palestino unido e estabelecer metas quantitativas de um acordo sobre a devolução de territórios, nas linhas já pautadas por Clinton, e um acordo sobre compensações pelas terras que ficariam sob controle dos israelenses, mediante compensações. Assim, Israel chegará mais perto de um acordo de paz possível e endossado pela maioria dos árabes e do mundo.

Obama herdou um mundo político mais complexo, tendendo para a pluripolaridade de potências e cheio de áreas de conflito que tendem a colocar em cheque a posição de superpotência dos EUA, face aos avanços da China, da ainda problemática consolidação da União Européia e o ressurgimento da Rússia, que se sente ameaçada pela política agressiva de Bush, com seu pretenso “escudo” contra foguetes a ser instalado na República Tcheca e na Polônia.

Como reagiu a opinião pública em Israel à vitória de Obama? Uma parte considerável da população israelense torceu pela vitória do republicano McCain, cujo partido é tradicional aliado de Israel, apoiando o fornecimento de armas sofisticadas e de ajuda econômica. Outra parte da população, uma minoria, enxerga na vitória de Obama uma luz no fim do túnel e espera que este se empenhe seriamente em por fim à construção de novos assentamentos no território do futuro estado palestino. Espera, também, que pressione o governo de Israel a fazer concessões que facilitariam as negociações de paz, inclusive com o intransigente Hamas. Aguarda-se, em Israel, com certa preocupação, a política a ser adotada em relação ao Irã e seu programa nuclear. Por mais que possa pesar a influência do futuro presidente dos EUA nas negociações de paz entre israelenses e palestinos, há um outro fator que exercerá grande impacto na sociedade

israelense: as eleições, no começo de 2009, para o parlamento e, do primeiro ministro que chefiará o governo. Pesquisas preliminares apontam vantagens para o Likud, da direita, e seu líder, Benjamin Netanyahu. Para os extremistas do Likud, contrários a qualquer concessão de territórios e, mais ainda, à partilha de Jerusalém, negociar com os palestinos sobre um futuro estado palestino é considerado traição dos ideais sionistas, o que inviabiliza um possível acordo com os membros mais moderados da ANP, chefiados por Mahamud Abbas.

Apesar da vitória incontestável de Obama e dos democratas na câmara de deputados e no senado dos EUA, o clima em Israel é de apreensão e expectativa ansiosa em relação à política para o Oriente Médio do futuro ocupante da Casa Branca que pode abrir uma oportunidade histórica, após longos anos de conflitos sangrentos, de estabelecer a tão sonhada paz na região do Oriente Médio, augurando uma era de cooperação e prosperidade para todas as populações.